



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS DROGAS PARA ADOLESCENTES COM E SEM EXPERIÊNCIA DE USO

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N2A2

Ivana Lauffer **Corrêa**¹
Jean Paulo da **Silva**
Andréa Barbará da Silva **Bousfield**
Andréia Isabel **Giacomozzi**

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as representações sociais sobre drogas para adolescentes com e sem experiência prévia de consumo. O estudo foi realizado com 262 adolescentes do ensino médio da região metropolitana de Florianópolis no Estado de Santa Catarina. Os dados foram coletados utilizando um questionário com questões abertas e fechadas com aplicação autoadministrada. A análise dos dados quantitativos foi realizada empregando estatística descritiva e inferencial, e Classificação Hierárquica Descendente para os dados textuais. Foi observado que para os adolescentes com experiência de uso, as representações sociais das drogas se associam a uma noção de controle do uso, buscando evitar vício e tendo por finalidade a fuga de problemas. Os adolescentes sem experiência de uso, representam as drogas a partir das consequências negativas do uso no nível individual, familiar e para a sociedade. Além disso, foi possível aferir que para a maior parte dos adolescentes participantes não há o reconhecimento do álcool como uma droga. Considera-se que para o desenvolvimento de mudanças na realidade atual que envolve o contexto de uso de drogas na adolescência, ações interventivas devem ser adaptadas às particularidades do pensamento social produzido pelos adolescentes, além da articulação de abordagens que insiram essa temática de modo transversal nos contextos de aprendizado e desenvolvimento individual e social.

18

Palavras-chave: Prevenção; Estudantes; Saúde Mental.

¹ Endereço eletrônico de contato: ivanalauffer@gmail.com

Recebido em 09/05/2020. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 28/07/2020.



SOCIAL REPRESENTATIONS OF DRUGS FOR ADOLESCENTS WITH AND WITHOUT EXPERIENCE OF USE

ABSTRACT

This research aimed to investigate social representations about drugs for adolescents with and without previous consumption experience. The study was conducted with 262 high school teenagers from the metropolitan region of Florianópolis in the state of Santa Catarina. Data were collected by using a questionnaire with open and closed questions with self-administered application. The analysis of quantitative data was performed using descriptive and inferential statistics, and Descending Hierarchical Classification for textual data. It was observed that for adolescents with experience of use, the social representations of drugs are associated with a notion of control of use, seeking to avoid addiction and aiming to escape problems. Adolescents without experience of use represent drugs based on the negative consequences of use at the individual, family and society levels. In addition, it was possible to verify that for the majority of participating adolescents, alcohol is not recognized as a drug. It is considered that for the development of changes in the current reality that involves the context of drug use in adolescence, interventional actions must be adapted to the particularities of social thinking produced by adolescents, in addition to the articulation of approaches that insert this theme in a transversal way in contexts of individual and social learning and development.

Keywords: Prevention; Students; Mental Health.

REPRESENTACIONES SOCIALES DE DROGAS PARA ADOLESCENTES CON Y SIN EXPERIENCIA DE USO

19

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue investigar las representaciones sociales sobre drogas para adolescentes con y sin experiencia previa en consumo. El estudio se realizó con 262 adolescentes de secundaria de la región metropolitana de Florianópolis en el estado de Santa Catarina. Los datos fueron recolectados mediante el uso de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas con aplicación autoadministrada. El análisis de los datos cuantitativos se realizó mediante estadística descriptiva e inferencial, y clasificación jerárquica descendente para datos textuales. Se observó que para los adolescentes con experiencia en el uso, las representaciones sociales de las drogas están asociadas con una noción de control del uso, buscando evitar la adicción y con el objetivo de escapar de los problemas. Los adolescentes sin experiencia de uso representan drogas basados en las consecuencias negativas del uso a nivel individual, familiar y social. Además, fue posible verificar que para la mayoría de los adolescentes participantes, el alcohol no es reconocido como una droga. Se considera que para el desarrollo de cambios en la realidad actual que involucra el contexto del consumo de drogas en la adolescencia, las acciones de intervención deben adaptarse a las particularidades del pensamiento social producido por los adolescentes, además de la articulación de enfoques que insertan este tema de manera transversal en contextos de aprendizaje y desarrollo individual y social.

Palabras clave: Prevención; Estudiantes; Salud Mental.



1 INTRODUÇÃO

A adolescência como período do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo é caracterizada pela acentuação do processo de maturação biológica, associado a aspectos da construção da identidade, do autoconceito, da autoestima, e de vários fatores centrais nas relações sociais (Henriques, Rocha, & Reinaldo, 2016; Santos & Pratta, 2012). As mudanças experienciadas pelos adolescentes tanto em seu corpo quanto na forma de interagir com sua família e seus pares promovem uma reorganização da vida social (Cole & Cole, 2003). Nessa fase o sujeito mergulha mais fortemente em seu universo de experiências e esse aspecto potencializa a vulnerabilidade presente na adolescência, tornando o adolescente mais suscetível ao envolvimento em situações de risco (Ayres, 1996), dentre elas, o uso de álcool e outras drogas, considerado um dos principais fatores de risco ao desenvolvimento nesta fase (Dallo & Martins, 2018). A precocidade do uso inicial das drogas é preocupante, pois pode desencadear o uso compulsivo e adoeedor, causando danos que afetam o sujeito e a sociedade como um todo (Malta *et al.*, 2011; Soldera *et al.*, 2004).

Ao longo da história da humanidade, o uso de drogas se fez presente em inúmeras sociedades e contextos culturais com os mais diversos objetivos, como transcendência, sobrevivência e rituais sagrados e profanos. No entanto, essas substâncias passaram a ser utilizadas indiscriminadamente em busca de prazer e alívio de desconfortos, e seu uso abusivo se desdobrou em complicações físicas, psicológicas e sociais (Novaes, 2014; Goulart & Soares, 2013). Na atualidade, o abuso de álcool e outras drogas é um fenômeno compreendido como um problema social e de grande relevância, fazendo-se presente nas várias esferas sociais, manifestando-se, assim, no tempo e no espaço, declarando sua natureza polissêmica e estabelecendo um estreito vínculo com questões de ordem social, tais como a pobreza e a desigualdade social, entre outros problemas da contemporaneidade (Melo, 2013; Seleglim, Marangoni, Marcon, & Oliveira, 2011).

O aumento do uso de drogas por adolescentes tem sido observado em todo o mundo. Dados do Relatório Mundial sobre Drogas (UNODC, 2019) estimam que aproximadamente 271 milhões de pessoas no mundo, entre elas adolescentes, utilizaram algum tipo de droga ilícita no ano anterior. Esse valor representa um aumento de 30% em relação ao ano de 2009. No Brasil, 34,3% dos adolescentes (12 a 17 anos) já fizeram uso de álcool em algum momento da vida, 6,3% já usaram tabaco e derivados e 4,0% já usaram algum tipo de droga ilícita (Bastos, Vasconcellos, De Boni, Reis & Coutinho, 2017). Em estudo realizado em Florianópolis (Giacomozzi *et al.*, 2012) com estudantes entre 11 e 21 anos, observou que o uso de álcool foi declarado de maneira semelhante ao declarado nacionalmente, tendo sido utilizado por 30,1% dos participantes, o tabaco no entanto teve um uso superior ao nacional (20,1%) sendo preocupante a média de idade da primeira utilização, com 12 anos e 8 meses. Sobre uso de maconha, o índice *Rev. Psicol Saúde e Debate. Set., 2020:6(2): 18-38.*



também ficou acima da média nacional, sendo declarado por 7% dos estudantes. Além disso, os estudantes que declararam uso de álcool e outras drogas mataram mais aulas, participaram mais de brigas, são sexualmente ativos e declararam ter se arriscado mais frente ao HIV/Aids.

Considerando a importância do fenômeno do uso drogas, sobretudo no contexto da adolescência, entende-se como adequado o uso da Teoria das Representações Sociais (TRS) para compreender os valores, crenças e atitudes dos adolescentes frente ao objeto drogas. As representações sociais são uma forma de conhecimento, elaborada e partilhada no âmbito social, que possui um objetivo prático na construção de uma realidade comum a um grupo social. Desta maneira, como sistemas de interpretação que gerenciam a relação entre as pessoas, e dessas com o mundo a sua volta, as representações sociais guiam e organizam as condutas e as comunicações sociais, intervindo nos processos que dão sentido aos eventos do cotidiano (Jodelet, 2001).

Dessa forma, a partir da problemática apresentada, e considerando que o uso de álcool e outras drogas principalmente na adolescência é um fator de risco acentuado para o desenvolvimento, estando associado à desfechos negativos importantes, torna-se relevante investigar as representações sociais sobre drogas produzidas por estudantes adolescentes com e sem experiência prévia de consumo, buscando assim compreender o pensamento social presente no contexto de prática relacionada ao seu uso.

21

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Participaram do estudo 262 estudantes adolescentes, de ambos os sexos, do ensino médio em turno diurno da rede pública de ensino de cinco municípios da região da Grande Florianópolis no Estado de Santa Catarina. Os critérios de inclusão foram: (1) cursar o 1º, 2º ou 3º ano do ensino médio; (2) idade entre 12 a 18 anos; (3) não estar participando de qualquer tipo de atividade que envolva o tema álcool e outras drogas no período da coleta de dados; (4) ser voluntário na participação da pesquisa; e (5) ter autorização dos pais ou responsáveis para participar da pesquisa.

Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário elaborado a partir do referencial da Teoria das Representações Sociais, autoadministrado, e dividido em: 1) Questão aberta abordando o que os adolescentes pensam sobre as drogas; 2) questões sobre conhecer alguém que utiliza drogas, o que leva uma pessoa a usar drogas, se já fez uso de drogas, frequência e idade que usou a primeira vez, se já ficou alcoolizado alguma vez e há quanto tempo



foi a última vez, e caso já fez uso de drogas o que o levou a usar, quais foram as substâncias e qual a frequência de uso; 3) questões sociodemográficas.

Procedimentos de coleta de dados

Para realização da coleta de dados, primeiramente foi estabelecido contato com a Secretaria de Educação do Estado para apresentação do projeto, solicitando a autorização para realizar o contato com as escolas. Assim, foi realizado um sorteio das escolas disponíveis e as direções das escolas sorteadas foram contatadas para solicitar a autorização para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa seguiu as determinações da portaria 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina que emitiu parecer de aprovação sob a inscrição n. 2.878.951.

Tratamento e análise dos dados

Os dados provenientes das questões sociodemográficas e demais questões fechadas do questionário foram tabulados e analisados com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS - versão 17.0). Realizou-se análise estatística descritiva (média, desvio padrão, distribuição de frequências) e relacional (Qui-quadrado, Teste-t Student e Mann Whitney).

Os dados textuais provenientes das questões abertas foram analisados com o auxílio do *software* IRaMuTeQ (Ratinaud, 2009), a partir da Análise Hierárquica Descendente (CHD). Conforme Camargo e Justo (2013), o IRaMuTeQ foi criado com o intento de superar a oposição entre os métodos de análise quantitativo e qualitativo, uma vez que sua análise possibilita a quantificação e a realização de cálculos estatísticos sobre as variáveis de essência qualitativa. Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) apontam que, no campo da psicologia social, mais precisamente em estudos de representações sociais, considerando a importância que se confere às manifestações linguísticas, as classes que são geradas por meio desse tipo de análise podem indicar representações sociais ou aspectos delas. Em complemento foi realizada análise de similitude que permite a visualização de como se organiza a representação a partir da força com que os elementos representacionais se ligam uns aos outros (Vergès, 2002; Moliner, 1994).

3 RESULTADOS



Do total de participantes do estudo (N = 262) oriundos de nove escolas públicas estaduais distribuídas em cinco municípios do Sul do Brasil, 162 (61,8%) eram do sexo feminino e 100 (38,2%) masculino, com média de idade de 16 anos e 7 meses com desvio padrão de 1 ano. Declararam-se brancos (60,3%), pardos (25,2%), negros (12,2%) e indígenas (2,3%). Em relação à série do ensino médio em que está matriculado a amostra dividiu-se em 1º ano (36,6%), 2º ano (34,7%), e 3º ano (28,6%).

A fim de traçar um perfil dos estudantes com base em variáveis relacionadas ao objeto de investigação deste estudo a Tabela 1 apresenta os resultados obtidos:

Tabela 1

Perfil da amostra

			Masc		Fem	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Conhece alguém que já experimentou drogas?	252 (96,2%)	10 (3,8%)	94	6	158	4
Já usou algum tipo de droga alguma vez na vida?	136 (51,9%)	126 (48,1%)	49	51	87	75
Já ficou bêbado(a)?	139 (53,1%)	123 (46,9%)	52	48	87	75
Tem religião?	192 (73,3%)	70 (26,7%)	68	32	124	38
É praticante?	90 (34,4%)	172 (65,6%)	21	79	69	93
Já reprovou alguma vez?	72 (27,5%)	190 (72,5%)	37	63	35	127
Exerce alguma atividade remunerada?	56 (21,4%)	206 (78,6%)	30	70	26	136
Teve algum problema com a justiça?	16 (6,1%)	246 (93,9%)	12	88	4	158
Alguém da família faz uso de algum tipo de droga?	197 (75,2%)	65 (24,8%)	69	31	128	34
Você pratica algum esporte?	143 (54,6%)	119 (45,4%)	73	27	70	92
Faz alguma atividade extracurricular?	69 (26,3%)	193 (73,7%)	31	69	38	124

23

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Quase a totalidade da amostra refere conhecer alguém que já experimentou drogas. Além disso, a grande maioria refere possuir familiares que fazem uso de algum tipo de droga. Quanto à experimentação ou não de algum tipo de droga, pouco mais da metade dos adolescentes relatou já ter experimentado, sendo observado que a proporção semelhante é encontrada também ao verificar por sexo do participante.



Para aqueles participantes que responderam já ter experimentado algum tipo de droga alguma vez na vida, buscou-se verificar qual a frequência desse consumo obtendo-se “de um ano para cá” (41,6%), “de um mês para cá” (24,4%), “mais de 6 vezes nos últimos 30 dias” (6,9%) e “mais de 20 vezes nos últimos 30 dias” (3,8%). A Tabela 2 apresenta a idade de experimentação para cada tipo de substância, e pode-se verificar que o álcool foi a primeira utilizada pelos estudantes.

Tabela 2

Média de idade do primeiro uso de drogas.

Média de idade de experimentação						
Substância	Masc	Média	Fem	Média	Média geral	DP
Álcool	77	14,6	128	14,3	14,4	1,88
Tabaco	21	14,6	39	14,3	14,4	2,40
Maconha	32	15,3	42	15,5	15,5	1,37
Cocaína	7	15,4	0	0	15,4	1,51
Crack	2	15,0	0	0	15,0	0
Outras	0	14,8	9	15	14,9	1,10

Fonte: Elaborado pelos autores 2020.

Verificou-se não haver diferença estatisticamente significativa em relação à variável sexo no que se refere à idade de experimentação de álcool ($p = 0,32$), tabaco ($p = 0,17$), e maconha ($p = 0,88$). No que se refere especificamente à maconha, a análise proporcional do total de participantes para cada sexo mostra que a experimentação foi referida por mais de 32% dos participantes do sexo masculino, enquanto do feminino 25,9%. Ressalta-se que cocaína e crack foram experimentados apenas por adolescentes do sexo masculino. Além disso, ao analisar o uso de drogas, independentemente de qual tipo, em relação ao sexo, observa-se que o sexo masculino apresenta um uso mais frequente, demonstrado por evento de uso no último ano (masc = 42%; fem = 41,3%), no último mês (masc = 27%; fem = 22,8%), mais de seis vezes no último mês (masc = 11%; fem = 4,3%) e mais de 20 vezes no último mês (masc = 8%; fem = 1,2%).

Em complemento, buscou-se analisar o padrão de uso específico de cada substância, conforme apresentado na Tabela 3. Para as respostas “Outras”, houve referências ao uso de drogas sintéticas como ecstasy e LSD, além de duas respostas para medicamentos.



Tabela 3

Padrão de uso para uma ou mais substâncias.

Substância	Nunca		Raramente		Às vezes		Muitas Vezes		Sempre que posso		Experimentação
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Álcool	25	41	25	47	31	35	13	14	5	25	195
Tabaco	83	139	11	14	3	4	0	1	3	4	40
Maconha	74	134	13	17	4	5	5	2	4	4	54
Cocaína	94	161	5	1	1	0	0	0	0	0	7
Crack	98	161	2	1	0	0	0	0	0	0	3
Outras	90	151	2	6	4	4	2	1	2	0	21

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados demonstram a diferença existente entre as respostas dadas à primeira questão (se já experimentou algum tipo de droga) onde 51,9% dos participantes haviam respondido sim, comparadas com o dado apresentado na tabela 3, onde a indicação de experimentação de álcool é de 72,4% dos participantes. Assim, novamente é necessário refletir sobre a possibilidade de que o não reconhecimento do álcool como uma droga influencie a frequência de respostas, tendo em vista que a ordem das questões no instrumento de coleta de dados insere explicitamente o álcool apenas a partir da sexta questão.

25

Representações sociais das drogas

Classificação Hierárquica Descendente - "O que pensa sobre as drogas"

A partir das transcrições das respostas dadas à pergunta "O que você pensa sobre as drogas?" foi elaborado o *corpus* chamado "O que pensa sobre drogas", que foi submetido a uma CHD. O *corpus* foi composto por 262 textos, que se dividiram em 365 segmentos de texto (STs). Com a análise, foram aproveitados 321 STs, um percentual de 85,60% de retenção na CHD.

O tratamento da CHD gerou 3 classes apresentadas no dendrograma (Figura 1) sendo que a primeira partição do *corpus*, a classe 3 (com 46,4% dos STs), diferenciou-se do restante do material textual. Na segunda partição, as classes 1 (com 23,7% STs) e 2 (com 29,9% dos STs) se diferenciaram entre si.

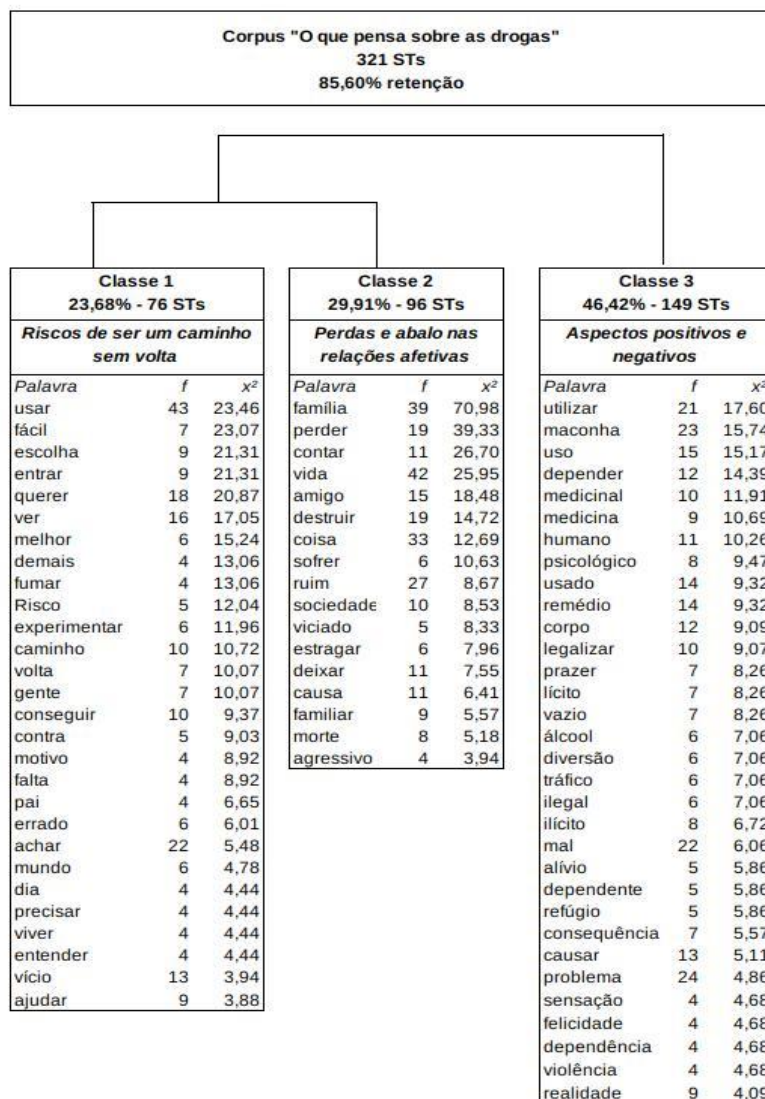


Figura 1. Dendrograma da CHD do corpus "O que pensa sobre as drogas".

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A classe 3 foi nomeada "Aspectos positivos e negativos" e se associa principalmente aos participantes do sexo masculino e ao subgrupo com experiência de consumo. Os conteúdos se associam a aspectos negativos das drogas, como danos à saúde. Por outro lado, traz segmentos que se associam ao contexto de uso medicinal de drogas ilícitas e de medicamentos. Os trechos ilustram esse contexto: *"tem pessoas que só se sentem bem usando drogas, tem umas drogas que acabam com o ser humano e outras, como, por exemplo, a maconha... é medicinal como se fosse remédio"*; *"muitas delas fazem muito mal para a saúde, para a sociedade e para as pessoas que consomem, pra elas e as que estão ao seu redor, porém algumas delas são medicinais, como a maconha"*; *"pode fazer e faz muito bem para quem tem algum tipo de doença, como os remédios"*.

A classe 1 “Riscos de ser um caminho sem volta” está associada à noção de que as drogas oferecem perigos e que, se iniciado o uso, pode se tornar um caminho sem volta. Estas ideias estão expressas nos trechos: *“penso que é algo tentador, mas nem um pouco bom, pois isso pode acabar com a minha vida; uma vez usando drogas não se sabe o caminho de volta e se pode ou não conseguir voltar”*; *“é um caminho que você escolhe para destruição, não só com a sua família, mas com você mesmo que entra nesse caminho e a coisa mais difícil é sair dele, porque são raras as pessoas que conseguem escapar do vício das drogas”*.

Por fim, a classe 2 “Perdas e abalos nas relações afetivas” se aproxima da classe 1 e se associa principalmente aos participantes sem experiência de consumo. Apresenta conteúdos relacionados às perdas que o uso de drogas pode causar e dificuldades com as relações afetivas, principalmente no contexto familiar. Isto pode ser verificado a partir dos seguintes trechos: *“é uma coisa horrível, porque ela causa muita coisa ruim na sua vida, família, amigos, trabalho, é tudo comprometido pelas drogas”*; *“as drogas que fazem você perder tudo, até mesmo deixar sua família”*; e *“ela te leva para caminhos horríveis e faz você perder sua família e amigos”*.

Em complemento foi realizada uma análise de similitude sobre o *corpus* “O que pensa sobre as drogas”. Partiu-se do total de 337 evocações, e após a seleção dos elementos com frequência igual ou maior que 12 foram analisadas as co-ocorrências de 21 palavras, sendo apresentado o resultado na figura 2.

27

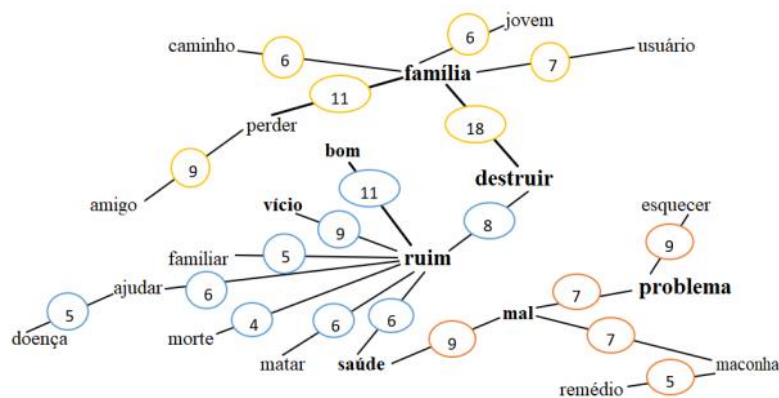


Figura 2 - Análise de similitude do *corpus* “O que pensa sobre as drogas”

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observa-se que, na configuração que se apresenta, o elemento centralizador das representações é o termo “destruir”, dando ênfase também ao termo “família”, termos que possuem forte co-ocorrência, com um total de 18 vezes. Assim, as drogas são vistas como algo destruidor, principalmente das relações familiares, e trazem coisas ruins e consequências ligadas a perdas, morte e doenças. No entanto, aparece também um contexto de explicação para o uso, presentes na ligação com o elemento “esquecimento dos problemas”. Destaca-se a existência de

uma dualidade no caráter dessas representações, onde se vê a palavra “bom”, co-ocorrendo 11 vezes com a palavra “ruim”.

Classificação Hierárquica Descendente - “Por que experimentou”

A partir das transcrições das respostas elaboradas para a pergunta, “Se você experimentou algum tipo de droga, quais foram os motivos?”, foi constituído um *corpus* que também foi submetido à CHD. Este *corpus* foi composto por 174 textos, dividindo-se em 178 STs, com retenção de 94,4% na análise.

O tratamento da CHD gerou 3 classes, sendo que a primeira partição do *corpus* diferenciou a classe 3 (com 33,73% dos STs) do restante do material textual. Na segunda partição, as classes 1 (com 40,24% dos STs) e 2 (com 22,04% dos STs) diferenciaram-se entre si. A Figura 3 apresenta o dendrograma com as palavras mais significativas e a frequência de ocorrências nos segmentos de texto da classe acompanhada do valor de qui-quadrado.

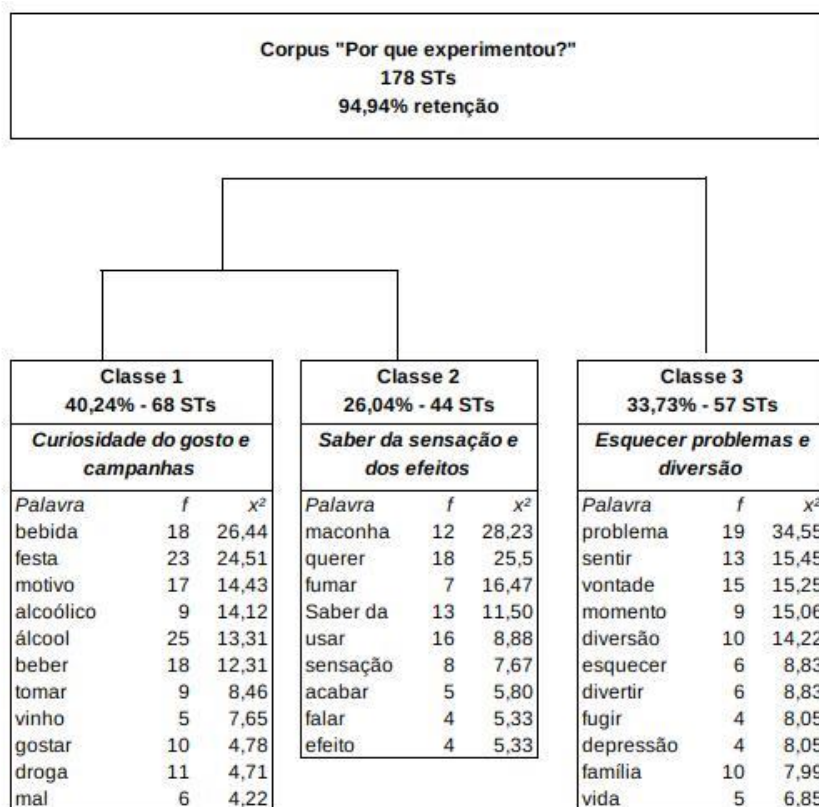


Figura 3 - Dendrograma da CHD do *corpus* “Por que experimentou”

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A classe 3 foi chamada “Esquecer problemas e diversão” contém o material que se diferencia mais do restante do *corpus*. O conteúdo se associa principalmente aos participantes do *Rev. Psicol Saúde e Debate. Set., 2020:6(2): 18-38*.



sexo masculino e com experiência de consumo. Esta classe traz segmentos de texto relacionados a explicações de que os motivos para a experimentação são mais relacionados com a busca dos adolescentes por esquecer de seus problemas, e em menor proporção, mas também se fazendo presente, emerge como uma justificativa para a diversão. Ilustra-se o seu conteúdo pelas justificativas a seguir: *“pressão psicológica, problemas em casa, tudo se acumulando, acho que em parte foi isso, talvez a vontade a sensação também ajudaram, mas em grande parte é mais a pressão psicológica mesmo, uma forma de esquecer os problemas”*; *“foi simplesmente para me desligar do mundo e dos problemas”*; *“queria procurar algo que pudesse me distrair dos meus problemas familiares, ou até comigo mesmo, e era algo que me distraia e me tirava desse mundo, me sentia muito triste e procurava meios para me sentir mais alegre ou nem saber o que estava fazendo”*; *“em festas, porque era algo que estava me satisfazendo no momento, estava me fazendo esquecer os problemas”*; e *“já experimentei e usei várias vezes drogas, não usei porque sou viciada, mas sim por diversão, por querer sentir outros tipos de coisas enquanto estou me divertindo”*.

A classe 1 foi chamada “Curiosidade do gosto e companhias” e se associa principalmente com os participantes do sexo feminino e sem experiência de consumo. As justificativas dos participantes para a experimentação estão na curiosidade de saber qual é o gosto das substâncias e na influência das companhias. O conteúdo destas ideias podem ser ilustradas a partir das seguintes justificativas: *“gostava de experimentar os sabores de diferentes bebidas”*; *“eu experimentei porque é coisa da idade, a pessoa vai crescendo e quer conhecer o mundo e tudo nele... eu estava em uma festa com a minha namorada”*; *“apenas já experimentei bebida alcoólica para saber qual era o gosto, pois todos ao meu redor já haviam provado”*; e *“já experimentei porque tinha curiosidade em saber se era bom ou não”*.

A classe 2 (Saber da sensação e dos efeitos) está mais próxima semanticamente da classe 1, e se associa sobretudo aos participantes com experiência de consumo. De modo geral, traz uma ideia central do desejo e curiosidade de se saber sobre as sensações e os efeitos causados pelas drogas. Estas ideias podem ser observadas a partir dos trechos: *“a maconha para experimentar e ver a sensação”*; *“eu fumei e experimentei por curiosidade própria eu queria saber qual era a sensação”*, *“queria só experimentar para saber o gosto a sensação e os efeitos que iria causar em mim, mesmo sabendo o que poderia acontecer”*; *“o álcool foi somente por vontade de saber como é, qual a sensação, qual o gosto e acabei gostando; a cocaína foi por influência de outras pessoas que insistiram para que eu provasse e eu acabei caindo na tentação”*; *“usei para ver qual é o resultado e quais as mudanças, querendo saber o efeito delas”*; e *“para provar e sentir os efeitos que poderia causar em mim, mas não usei uma grande quantidade”*.

A fim de complementar o entendimento sobre o conteúdo e organização das representações sociais, foi realizada uma análise de similitude sobre o corpus “Por que

experimentou”. Assim, a partir do total de 305 evocações, foram selecionadas as ocorrências com frequência superior à 14, resultando em 20 elementos que foram analisados em suas co-ocorrências. A árvore de similitude é apresentada na Figura 4.

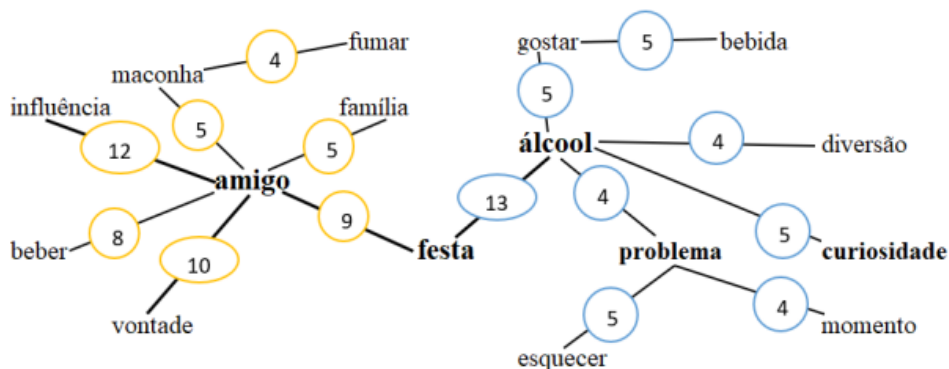


Figura 4 - Análise de similitude *corpus* “Por que experimentou”

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A partir da figura é possível observar que, nesta análise, os elementos “festa”, “amigo” e “álcool” emergem como organizadores do conteúdo. A ligação mais forte é observada entre as palavras “festa” e “álcool”, com co-ocorrência de 13 vezes. Destaca-se, ainda, a forte co-ocorrência entre as palavras “amigo” e “influência”, ligando-se 12 vezes.

30

Nesse contexto, os conteúdos representacionais se organizam sob as ideias associadas à influência de amigos em direção à experimentação, à curiosidade de saber as sensações envolvidas e a motivação pessoal frente às situações sociais como festas, para se enturmar e se divertir, ou frente às situações de problema, visto que há forte associação do conteúdo às ideias de uso como fuga da realidade, alívio, e uma maneira de lidar com os problemas.

4 DISCUSSÃO

Conhecimento, experimentação e idade de experimentação das drogas

A grande maioria dos participantes deste estudo referenciou conhecer alguém que faz uso de algum tipo de substância, e destes, a maior parte afirmou ter algum familiar que faz uso, indicando assim um contexto social de convivência ou, ao menos, proximidade com pessoas que fazem uso de drogas. Estudo de Silva e Padilha (2013) mostra que a convivência com um familiar que faz uso de substâncias propicia aos adolescentes aspectos de aprendizagem relacionados ao uso, principalmente quando se deparam com problemas semelhantes aos que induziram o familiar ao uso. Em pesquisa de Giacomozzi et al (2012) foi observado que dentre estudantes que



afirmaram que alguém de sua família usava álcool e outras drogas foi maior a proporção dos que afirmaram já ter feito uso de álcool em *binge*, ter utilizado maconha e haxixe e também tabaco. Todavia, faz-se primário destacar que o uso de substâncias não pode ser visto como um fenômeno determinado por fator unicausal, mas sim como resultado da combinação de vários elementos, incluindo fatores genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais (Martini & Furegato, 2008).

Dessa forma, o olhar direcionado ao ambiente social familiar é um importante alvo para intervenções multiprofissionais que busquem promover o desenvolvimento de fatores de proteção ao uso abusivo de substâncias, visto que a cultura do uso de drogas no ambiente familiar pode ser agente potencializador para a prática de uso pelo adolescente (Seleglim & Oliveira, 2013), sendo intensificado por fatores de risco como abandono, negligência, violência e ausência de diálogo familiar (Bernardy & Oliveira, 2010).

Quando questionados sobre o uso de substâncias, 51,9% dos adolescentes participantes deste estudo afirmaram, em um primeiro momento, já terem experimentado algum tipo de droga, enquanto 48,1% negaram essa experiência. Foi encontrada, no entanto, uma incongruência quanto a essa assertiva, pois em questionamentos subsequentes do instrumento verificou-se que, principalmente em relação ao álcool, o resultado para experimentação aumenta para 74,4%. Discute-se nesse sentido que o álcool pode não ser reconhecido como uma droga por parte dos adolescentes, denotando a ausência de informações apropriadas sobre essa substância, que se somam à característica de ser uma droga lícita e de grande utilização.

Nesse contexto, a mídia possui um papel determinante na elaboração de imagens e representações sobre as drogas, tendo em vista que o marketing massivo do mercado das drogas lícitas, sobretudo o álcool é abrangente e tem potencial para influenciar as atitudes e as práticas das pessoas, incluindo adolescentes, por meio da associação à prazer e satisfação (Horta et al, 2018). Por serem consideradas drogas lícitas, álcool e tabaco apresentam um uso mais frequente e naturalizado, perdendo seu status social negativo, sendo assim permitido pela sociedade e influenciado pela mídia (Vargas, Bittencourt, Rocha, & Oliveira, 2013). Ademais, por ser consumido por vários povos e culturas diferentes, fazendo parte de inúmeras festividades e situações de interação social, o álcool adquiriu significados positivos em diversos contextos, pois, por meio de percepções, como de relaxamento e de diversão, o indivíduo anexa a ideia de “algo bom e prazeroso” no consumo do álcool (Maciel, Oliveira, & Melo, 2012; Silva & Padilha, 2013).

Verificou-se que o sexo feminino apresenta menores médias quanto ao álcool, tabaco e drogas sintéticas (ecstasy e LSD) indicando uso mais precoce, enquanto que as outras drogas são experimentadas mais precocemente pelos participantes do sexo masculino, considerando-se ainda que drogas como a cocaína e o crack na amostra estudada, não aparecem com apontamento de experimentação pelo sexo feminino. Segundo a Organização Mundial da Saúde,



cerca de 10% da população dos centros urbanos de todo o mundo faz uso abusivo de alguma substância psicoativa independentemente de sexo, idade, nível social e de instrução (WHO, 2001). O enfrentamento dos problemas relacionados ao uso de drogas portanto demanda intervenções direcionadas à todos os grupos, nos diversos contextos de uso.

Conteúdo das representações sociais das drogas

Destaca-se a relevância do estudo do fenômeno das drogas à luz da Teoria das Representações Sociais, na medida em que esta é capaz de compreender os fenômenos para além da dimensão individual e psicológica, auxiliando a esclarecer os conhecimentos partilhados e valorizados socialmente (Jodelet, 1984). Ademais, a teoria proposta por Moscovici (2011) revela sua importância na análise de aspectos psicossocioculturais que permeiam o processo saúde-doença, bem como comunicação e fenômenos coletivos que contribuem para a formação de condutas e de normas inter-relacionadas ao pensamento social.

De acordo com Sousa (2017), há marcadores na forma como cada sujeito se relaciona com as normas sociais e, como exemplo, há o grau de familiaridade e a implicação dos sujeitos com o situação (práticas de consumo, nível de informação sobre o tema), a idade, as pertencças grupais, entre outros aspectos. Desse modo, a experiência dos sujeitos e a forma como eles organizam as informações, sentidos e valores atrelados ao campo desempenha essencial função no modo como interpretam, comunicam-se com o outro e lidam com a normalização do uso de drogas. Desvela-se, desta forma, a relevância de se analisar as experiências de consumo dos participantes. Foram identificadas, a partir das análises realizadas, diferenças e semelhanças entre os grupos com e sem experiência de consumo, as quais serão agora melhor ilustradas para que se possa discuti-las.

A CHD referente ao *corpus* “O que pensa sobre as drogas” evidenciou três contextos lexicais, indicando as três principais manifestações dos participantes em relação às drogas. O maior deles indica a percepção das drogas em polaridades de bom e ruim, aspectos positivos e aspectos negativos. Os aspectos negativos das drogas referem-se aos malefícios causados à saúde, tanto em aspectos biológicos quanto psicológicos. Já os aspectos positivos aparecem sob as formas de prazer, diversão e principalmente sob o prisma dos medicamentos e efeitos medicinais de algumas drogas.

Em outro contexto, há a referência ao fato de as drogas oferecem diversos perigos, de maneira que, se a pessoa começar a utilizar se viciará e tomará um caminho, percebido por este grupo de participantes, como um caminho sem volta. Para Silva e Padilha (2013) uma das características dos adolescentes consiste na percepção de que nada de mal lhes acontecerá e de que são capazes de controlar todas as situações. Esse aspecto acarreta uma menor percepção



do risco e pode aumentar o uso de drogas. Dessa forma, ainda que as sensações obtidas durante o efeito de drogas no organismo sejam prazerosas, a busca por novas e intensas sensações pode tornar o jovem um dependente químico. O terceiro contexto revela as drogas como algo ruim e demonstra haver uma forte relação com as perdas que o uso de drogas pode acarretar, com as dificuldades e perdas das relações afetivas, principalmente a destruição e/ou a ruptura de vínculos familiares.

A análise de similitude confirma, em partes os resultados encontrados na CHD referente a este *corpus*, destacando-se a forte co-ocorrência das palavras “família” e “destruir”, de modo que “destruir” possui também significativa co-ocorrência com a palavra “ruim”. Observa-se mais claramente a indicação para as consequências negativas nas relações familiares. Infere-se, assim, que o sentido da conexão entre as palavras possa ir ao encontro dos resultados obtidos por Araújo, Oliveira, Rodrigues e Souza (2012): a relação entre “família” e “drogas” traz duas ideias associadas, de modo que ora a família é vista como vítima do uso problemático das drogas por algum de seus integrantes e ora é indicada como algoz pelo envolvimento de alguém com as drogas. Assim, de qualquer modo, a família está inserida e sofre as consequências quando o consumo é abusivo.

Corpus por que experimentou

33

A análise referente ao *corpus* “Por que experimentou” representa os motivos que levaram os sujeitos da pesquisa, que já fizeram uso de drogas, a terem experimentado pela primeira vez algum tipo de droga. No primeiro contexto, os motivos elencados para que tenha ocorrido a experimentação consistem na vontade de esquecer seus problemas e, também, porém em menor proporção, há a justificativa do uso com propósito de diversão. No segundo contexto, há uma ideia central de desejo e curiosidade de saber sobre as sensações e os efeitos causados pelas drogas. Por fim, no último contexto, as justificativas dos participantes para a experimentação residem na curiosidade de saber qual é o gosto das substâncias, bem como na influência das companhias.

Observa-se, a partir das palavras centrais, que nas representações, dentre os sujeitos que já fizeram uso, as razões para o primeiro uso ter ocorrido foram associadas à influência de amigos, à curiosidade de saber qual é a sensação e à vontade de experimentar diante de determinadas situações, como uma festa, na busca em se divertir e fazer parte do círculo ou diante de algum tipo de problema, visto que há uma forte representação neste sentido de as drogas serem percebidas com potencial de alívio, fuga da realidade, uma maneira mais fácil de lidar com os problemas e as sensações causadas por eles, expressam, assim, um caráter positivo.



As representações sociais de estudantes adolescentes acerca das drogas quanto à experiência de consumo dos participantes

As ideias centrais referentes às respostas dos participantes sem experimentação envolveram as consequências negativas do uso, para si, para a família e para a sociedade. Desse modo, há o entrelaçamento das ideias de “prejuízos” e de “caminho sem volta”, situando o uso de drogas como um vício que faz mal, traz problemas a todos e do qual é difícil de sair.

O subgrupo com experiência de consumo, em resposta à pergunta “O que pensa sobre drogas”, apresentou como ideia central a referência a um propósito ilusório com o uso, onde se considera que irá escapar dos problemas. Desta forma, há o destaque para a ideia de fuga e alienação da realidade. Há, ainda, como ideia geral para esse subgrupo, o pensamento de que o uso deve ser feito de modo controlado, pois assim não acarretará danos, sendo que o perigo consiste no vício. Está presente a associação da maconha como sendo uma erva de uso medicinal, que pode trazer benefícios. Observa-se que há conexão entre a primeira e a segunda ideia, já que muitos afirmaram que seria possível um escape dos problemas por meio do uso, e que não haveria malefícios, caso o uso fosse moderado. Sobre tal questão, Ames, Sussman e Dent (1999) afirmam que os riscos associados ao consumo de substâncias não se relacionam apenas a crenças sobre a experimentação, mas também aos resultados obtidos com a experimentação, para aqueles que já experimentaram. Deste modo, os “mitos” associados às drogas, as atitudes relacionadas ao sentimento de injustiça e a busca de novas sensações impulsionam significativamente e aumentam a probabilidade de novo consumo e, por consequência, uma visão mais branda das drogas e de seus desfechos.

34

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de estudo comparativo e descritivo de levantamento de dados, objetivou-se, investigar o uso de drogas e as representações sociais elaboradas por estudantes adolescentes acerca das drogas.

Com base nos dados levanta-se a hipótese de que não haja um reconhecimento do álcool como sendo uma droga, visto que muitos adolescentes relataram não ter feito uso de drogas, porém afirmaram depois ter feito uso de álcool.

As diferenças entre as representações de adolescentes com experiência de uso se associam a uma noção de controle do uso, evitando vício e tendo finalidade de fuga de problemas. Além disso, trazem elementos associados ao uso da maconha como ação benéfica. Em contrapartida os adolescentes sem experiência de consumo representam a droga a partir das consequências negativas do uso, tanto para si, quanto para família e sociedade.



Advoga-se que para se organizar mudanças na realidade atual do contexto de uso de drogas na adolescência, se faz necessário o desenvolvimento de ações adaptadas às particularidades do pensamento social produzido nos diversos grupos sociais, considerando aspectos de ordem local. Além disso, a abordagem da temática de modo transversal na escola se mostra adequada, principalmente se associada à participação de familiares ou responsáveis, articulando reflexões sobre os aspectos presentes no contexto do uso de drogas.

Em complemento, entende-se que as dificuldades nas interações sociais, no estabelecimento de vínculos afetivos e no enfrentamento de situações adversas ao longo da vida potencializam o engajamento em práticas de uso de drogas.

São apontadas limitações desta pesquisa fatores como a coleta de dados ter ocorrido no contexto da sala de aula, criando possibilidades de que as respostas fossem influenciadas pelos aspectos normativos tradicionalmente presentes neste ambiente. Além disso, a formalidade institucional, concretizada na relação estabelecida entre as escolas e os pesquisadores responsáveis pela coleta de dados pode ter gerado um distanciamento social dos adolescentes, tendo em vista os papéis sociais claramente demarcados no momento da comunicação realizada pela escola.

Indica-se para futuros trabalhos que abordem essa temática, uma ampliação das estratégias de coleta de dados que permitam a produção de dados em contexto que favoreça a expressão natural do pensamento social produzido e compartilhado pelos adolescentes.

6 REFERÊNCIAS

- Ames, S., Sussman, S., & Dent, C. (1999). Pro-drug-use myths and competing constructs in the prediction of substance use among youth at continuation high schools: a one-year prospective study. *Personality and Individual Differences*, 26, 987-1003. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00176-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00176-7)
- Araújo, A. J. S., Oliveira, J. F., Rodrigues, A. S., Silva, J. R. A., Serra, R. S., & Souza, S. S. (2012). Problemática das drogas: representações sociais de estudantes de Curso Técnico de Enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, 26(2), 510-522. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v26i2.6389>
- Ayres, J. R. C. M. (1996). O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser. In J. R. C. M. Ayres. *Vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas* (pp. 4-9). São Paulo: Casa de Edição.
- Bastos, F. I. P. M., Vasconcellos, M. T. L., De Boni, R. B., Reis, N. B., & Coutinho, C. F. S. (Orgs.). (2017). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT. From: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>
- Bernardy, C. C. F., & Oliveira, M. L. F. (2010). O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(1), 11-17. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000100002>



- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Cole M., & Cole, S. R. (2003). O desenvolvimento da criança e do adolescente. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dallo, L., & Martins, R. A. (2018). Association between the risk of alcohol use and unprotected sex in adolescents in a city in the southern region of Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(1), 303-314. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018231.14282015>
- Giacomozzi, A. I., Itokasu, M. C., Figueiredo, C. D. S., Luzardo, A. R., & Vieira, M. (2012). Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas escolas no município de Florianópolis. *Saúde e Sociedade*, 21(3), 612-622. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>
- Goulart, D. C. S., & Soares, A. C. N. (2013). Famílias e dependência de drogas: interfaces com as políticas públicas. *Anais do Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais - "expressões socioculturais da crise do capital e suas implicações para a garantia dos direitos sociais"*, Belo Horizonte, MG, 3. From: <http://hdl.handle.net/11449/124077>
- Henriques, B. D., Rocha, R. L., & Reinaldo, A. M. S. (2016). Uso de crack e outras drogas entre crianças e adolescentes e seu impacto no ambiente familiar: uma revisão integrativa da literatura. *Texto Contexto Enfermagem*, 25(3), e1100015. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016001100015>
- Horta, R. L., et al (2018). Prevalência e condições associadas ao uso de drogas ilícitas na vida: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 21(1 supl.), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1980-549720180007.supl.1>
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Jodelet, D. (1984). Répresentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie sociale* (pp. 363-384). Paris: P.U.F.
- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Duarte, E. A., Sardinha, L. M., Barreto, S. M., & Neto, O. L. M. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 14(1 supl.), 136-46. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500014>
- Maciel, S. C., Oliveira, R. C. C., & Melo, J. R. F. (2012). Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 98-111. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100008>
- Martini, J. G., & Furegato, A. R. F. (2008). Representações sociais de professores sobre o uso de drogas em uma escola de ensino básico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(especial). <https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000700016>
- Melo, J. R. F. (2013). Representações sociais de dependentes químicos acerca do crack, do usuário de drogas e do tratamento. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. From: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7113>



- Moliner, P. (1994). Les méthodes de repérage et d'identification du noyau des representations sociales. Em, C. Guimelli (Org.) *Structures et Transformations des Représentations Sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé
- Moscovici, S. (2003/2007/2011). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Novaes, P. S. (2014). O tratamento da dependência química e o ordenamento jurídico brasileiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 342-356. <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a13>
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: *Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires* [Computer software].
- Santos, M. A., & Pratta, E. M. M. (2012). Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo Psicanalítico*, 44(1), 167-182. From: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100010
- Seleghim, M. R., Marangoni, S. R., Marcon, S. S., & Oliveira, M. L. F. (2011). Vínculo familiar de usuários atendidos em uma unidade de emergência psiquiátrica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(5). <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500014>
- Seleghim, M. R., Oliveira, M. L. F. (2013). Influência do ambiente familiar no consumo de crack em usuários. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(3), 263-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000300010>
- Silva, S. É. D., & Padilha, M. I. (2013). O alcoolismo na história de vida de adolescentes: uma análise à luz das representações sociais. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 22(3), 576-84. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000300002>
- Soldera, M., Dalgalarrodo, P., Corrêa Filho, H. R., & Silva, C. A. M. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 38(2), 277-283. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102004000200018>
- Sousa, Y. S. O. (2017). *Drogas e normalização uma análise psicossocial desde a perspectiva das representações sociais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. From: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/23777>
- UNODC. (2019). *World Drug Report 2019: 1 Executive summary. Conclusions and policy implications*. Vienna, 2019. From: <https://wdr.unodc.org/wdr2019/prelaunch/WDR19 Booklet 1 EXECUTIVE SUMMARY.pdf>
- Vargas, D., Bittencourt, M. N., Rocha, F. M., & Oliveira, M. A. F. (2013). Representação social de enfermeiros de Centros de Atenção Psicossocial em Álcool e Drogas (CAPS AD) sobre o dependente químico. *Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery*, 17(2), 242-248. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000200006>
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 470-50. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>
- Vergès, P., Scano, S., & Junique, C. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*. Aix en Provence: Université Aix en Provence (Manual).



World Health Organization - WHO. (2001). *Mental health: new understanding, new hope*. Geneva: WHO. From: <https://www.who.int/whr/2001/en/>